

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULOS

ERON RAFAEL DOS SANTOS

**“SE O SISTEMA NÃO ESTIVESSE INTERESSADO EM MANTER VIELAS
ESCURAS, SIMPLEMENTE AS ILUMINARIA”**

Repressão e exposição homossexual a partir de *Lampião da Esquina* (1978 – 1981)

Porto Alegre

2017

ERON RAFAEL DOS SANTOS

**“SE O SISTEMA NÃO ESTIVESSE INTERESSADO EM MANTER VIELAS
ESCURAS, SIMPLEMENTE AS ILUMINARIA”**

**Repressão e exposição homossexual a partir de *Lampião da Esquina*(1978 –
1981)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de licenciado em Letras,
pelo curso de Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Dr. Carlos Augusto
Bonifácio Leite

Porto Alegre

2017

ERON RAFAEL DOS SANTOS

**“SE O SISTEMA NÃO ESTIVESSE INTERESSADO EM MANTER VIELAS
ESCURAS, SIMPLEMENTE AS ILUMINARIA”**

**Repressão e exposição homossexual a partir de *Lampião da Esquina*(1978 –
1981)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de licenciado em Letras,
pelo curso de Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Dr. Carlos Augusto
Bonifácio Leite

Prof. Dr. Homero Vizeu Araújo
(UFRGS)

Me. Jackson Raymundo
(UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite
(Orientador UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Felizmente, fui cercado de gente com curiosidade na mente e o desconforto no olho frente às injustiças. Foram essas pessoas que através das conversas e carinhos me ajudaram de maneira significativa na construção desse trabalho e pesquisa.

Meu mais sincero obrigado e admiração a minha família, especialmente meus pais, pelo incentivo, carinho e persistência; a Guto Leite, pela amizade, companheirismo, sinceridade e alteridade e ao Grupo de Pesquisa em Canção Popular Brasileira da UFRGS pela possibilidade de uma construção de conhecimento sólida e generosa.

Por fim, agradeço aos que atravessaram meu caminho e aos que ainda caminham ao meu lado, cujas presenças proporcionaram reflexão ao que aqui se encerra. Obrigado aos amigos Daniel, Rebeca, Ketélyn, Jessica, Giorgia, Augusto, Gabriel, Gabriela, Ida, Miriam, Patrícia, os colegas e alunos do PEAC, os colegas e alunos do CEUE PV e, por fim, os saudosíssimos colegas e alunos da E.E.E.M Professora Maria Josefina Becker.

.

Se o continente é maior que o conteúdo, então estamos todos em semelhantes posições. Em dezembro vou tirar férias e viajar, cumprir longas noites e dormir com as pessoas que me amem por menos, por cada vez menos – ah, essa inflação, pagar sem ficar corado e ainda esboçar um sorriso de superioridade, pobre do prostituto que necessitado me fodeu. Vozes sopravam ao teu ouvido (vai embora, vai embora), mas queridinha, a consumação dos fatos e o teu Gólgota, então não cumprirás o teu destino? Na próxima esquina tenho certeza que não me encontrarei. Minha sombra só consegue caminhar atrás de mim, me seguindo sempre ela acaba em mim integrada, mas sem que eu reconheça sua diferença de sombra em carne de verdade, vermelha, sangrenta a minha carne exposta no açougue, minha coxa esquerda pendurada por ganchos, meu pé, os dedos meio abertos, a unha brilhante, o sangue ainda pingando, bolsas se abrem e vozes perguntam: quanto custa esse magnífico pernil de adolescente? Sobre o cepo de madeira facas agem e cortam em cruz e rasgam depois a pele, o sangue esguicha sujando as mãos do açougueiro, cortam de minha coxa dois quilos e quatrocentos gramas, atiram na balança e embrulham depois numa folha de jornal.

(Aguinaldo Silva – *Primeira Carta aos Andróginos*)

RESUMO

Em abril de 1978, saía a primeira edição de *Lampião da Esquina*, primeira publicação brasileira de grande circulação voltada ao público homossexual. Diferentemente de seus antecessores, *Lampião* possuía um discurso de teor mais politizado, com o intuito principal de retirar o homossexual e a homossexualidade do que então chamavam de gueto. Assim, o presente estudo debruça-se sobre essa publicação a fim de investigar a condição da comunidade homossexual, especialmente a masculina, dentro das estruturas sociais em vigor durante o governo ditatorial militar brasileiro, bem como as forças que agiam sobre a comunidade a favor de sua repressão e enclausuramento. São traçados assim as relações existentes entre os homossexuais e o poder institucionalizado da ditadura, o então ascendente mercado gay e, por fim, os grupos políticos organizados que também ganhavam forma na época. Mais especificamente, o estudo também analisa as cartas de Fabíolo Dorô/Paulo Emmanuel, série de correspondências talvez fictícias publicadas na seção cartas na mesa entre os anos 1978 e 1979.

Palavras chave : Lampião da Esquina ; Homossexualidade; Indústria Cultural; Sexualidade.

ABSTRACT

In April of 1979, the first edition of *Lampião da Esquina*, the first Brazilian publication of great circulation directed to the homosexual public, was released. Unlike its predecessor, *Lampião* had a more politicized speech, with the main purpose was removing the homosexual and the homosexuality from the “ghetto”. Thus, the present study uses this publication to investigate the homosexual community condition in the social structure in force during the Brazilian military dictatorial government, as well as the forces that acted on the community in favor of its repression and enclosure. In that way, this study also approaches the relation between homosexuals and the institutionalized power of dictatorship, the then ascendant gay Market, and finally the organized political groups that were growing at the time. Specifically, this study also analyzes the letter from Fabíolo Dorô/Paulo Emanuel to the newspaper, a series maybe fictional of correspondences published in the “Cartas na Mesa” section started in 1978 and finished at 1979.

Keywords: *Lampião da Esquina*; Homosexuality; Cultural Industry; Sexuality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A DITADURA MILITAR E A IMPRENSA INDEPENDENTE	
1.1. A DITADURA MILITAR BRASILEIRA.....	14
1.2. O PROCESSO DE ABERTURA E A IMPRENSA ALTERNATIVA.....	16
1.3. <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> E A IMPRENSA HOMOSSEXUAL.....	18
2. AS FACES DA REPRESSÃO AOS HOMOSSEXUAIS	
2.1. A HOMOSSEXUALIDADE E DITADURA MILITAR.....	20
2.2. A HOMOSSEXUALIDADE E O MERCADO GAY.....	24
2.3. A HOMOSSEXUALIDADE E SEUS GRUPOS.....	27
3. A CORRESPONDÊNCIA DE FABÍOLO DORÔ	
3.1. TENTATIVA DE INSERÇÃO E REPRESSÃO FAMILIAR.....	30
3.1. O IRMÃO GORILA E A DESMORALIZAÇÃO.....	33
3.2. A IDA PARA SÃO PAULO E A CARTA FINAL.....	35
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

Os gregos da Antiguidade provavelmente ficariam horrorizados se pudessem constatar o quanto gozamos pouco e como gozamos mal. Diferentemente da nossa atual situação, a sexualidade grega não dispunha dos aparatos de catalogação de carícias e nem do sistema punitivo que delimita, expõe e castiga, que o pensamento cristão nos deixou. A moral grega era menos sobre uma economia dos prazeres e mais sobre a sua administração, não com sentido de reprimir os impulsos eróticos, mas, pelo contrário, ao seu serviço. O prazer não era perigoso e nem deveria ser combatido, mas respeitado (FOUCAULT, 2012).

A Igreja Católica, por sua vez, talvez deliberadamente, talvez não, percebeu o quão útil é o controle dos corpos para o controle de um povo. Dessa forma, a fé cristã invadia a alcova dos casais, delimitando as maneiras aceitáveis e as condenáveis de se exercer a sexualidade. O prazer transformava-se então em algo que deveria não ser administrado, mas sim contido e reprimido e o sexo era transferido para a lógica da produção. Era condenável, mas era necessário à reprodução da espécie. Que fosse então controlado e, de preferência, rápido e cirúrgico. Une-se assim ao legado que Deus nos deixou a nossa sexualidade hipócrita, contida e medrosa (FOUCAULT, 2011).

Trago isso porque não me parece possível entender a condição do homossexual no mundo sem antes investigar a condição do prazer. É no sexo e pelo sexo que a camada homossexual foi patologicamente classificada e reduzida a uma série de signos e conceitos que parecem servir mais a fins de categorização do que necessariamente de libertação, independente do que tentam demonstrar a indústria turística e estética que se alimentam desse público. Aquilo que foi iniciado com Deus e continuado pelo discurso médico parece, enfim, ter se transformado em moeda valiosa nas mãos dos empresários e dos donos dos meios de comunicação. Sexo vende, logo, homossexualidade vende também.

Tal entendimento parece ainda mais necessário no caso brasileiro, em especial, no período histórico no qual se foca este estudo. Afinal, não é novidade que a moral cristã possui papel fundamental na construção do período ditatorial brasileiro, bem como nos estandartes que o mantinham (SCHWARZ, 1978, p.70).

Foi essa moralidade controladora e castradora que, em parte, levaram as pessoas às ruas nas passeatas que deflagariam o golpe de Estado, mesmo que talvez de maneira hipócrita, considerando que, enquanto os militares perseguiram a camada LGBT através dos embustes pregados nos locais de pegação, como, por exemplo, o Buraco da Maysa, no Rio de Janeiro (LAMPPIÃO DA ESQUINA, abr. 1978), a mídia lucrava ao vender um Brasil de paisagens exóticas e eróticas, especialmente, de um erotismo mais leve e solto.

Foi nesse contexto cultural que surgiu o *Lampião da Esquina*, publicação voltada a homossexuais, principalmente os masculinos, em circulação entre os anos de 1978 e 1982, em meio a uma série de publicações independentes que surgiram no final dos anos 70, com os primeiros ares de abertura política no país, como, por exemplo, o *Pasquim*. No entanto, *Lampião* não foi a primeira publicação voltada ao público. Outras publicações como o *Gente Gay*, *Snob* ou a *Coluna do Meio* de Celso Cury já focavam nessa camada como público leitor. O diferencial de *Lampião* reside, além da conquista de um território de circulação consideravelmente maior do que seus antecessores, no fato de propor uma fuga das firulas e do colunismo social proposto pelas publicações citadas, para tratar a homossexualidade como coisa séria, de forma política e social.

É assim, recheado de boas intenções e na luta assumida de retirar o homossexual do gueto, que *Lampião* inicia sua história, com um time composto por nomes já respeitados na época, como Darcy Penteado, Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan. Com o passar do tempo, é verdade, *Lampião* acaba por abandonar esses princípios e, de alguma forma, se adequa àquilo que antes combatia, como pontua SCHUTZ (2014).

Apesar de focar incisivamente seu discurso nas discussões de gênero masculino/feminino, sexismo e subversões sexuais, perceberam-se algumas alterações na linguagem e abordagem do impresso através do seu percurso editorial. Inicialmente se caracterizava por um teor politizado e reivindicador, e com o passar do tempo reduziu seu ativismo cedendo espaço a elementos mais comerciais (vide a inserção de fotos de rapazes nus). Também, nota-se uma alteração no discurso, que gradativamente foi popularizado para se aproximar da linguagem de “gueto” e perdeu o aspecto mais politizado inicial. (p.14)

O presente estudo, no entanto, foi pensado primeiramente com o enfoque na seção “Cartas da Mesa”, por entender que há ali um maior diálogo entre equipe

editorial e público leitor. Assim, o último ano e meio de pesquisa foram dedicados a leitura e classificação dessas cartas, compreendendo as edições dos anos de 1978 e 1979, por serem anteriores ao aparecimento da AIDS, epidemia que viria a mudar os rumos do movimento no Brasil. O recorte final, no entanto, foi decidido com o documentário sobre o jornal lançado em 2016, *Lampião da Esquina*, sob a direção de Livia Perez, com a presença dos colaboradores do jornal e de algumas celebridades entrevistadas cujas entrevistas já figuraram as páginas do periódico, como Leci Brandão e Ney Matogrosso, cuja presença já parece ser de praxe em qualquer estudo sobre a homossexualidade em terras brasileiras.

No documentário, Aguinaldo Silva, um dos colaboradores do jornal, diz em sua entrevista que parte das cartas publicadas em *Lampião* eram escritas pelos próprios colaboradores, revelando que o material, além do valor documental, também possui valor ficcional. Dessa forma, foi escolhido estudar a personagem Fabíolo Dorô, pseudônimo de Paulo Emmanuel, responsável por uma série de cartas entre os anos de 1978 e 1979. O primeiro motivo para tal escolha é sua recorrência: a história de Fabíolo estampa seis edições do jornal, tendo inclusive a participação de seu irmão; o segundo, que é o que me leva a crer no caráter ficcional da personagem, são as similaridades entre a escrita de Fabíolo e a escrita de Aguinaldo Silva, com suas expressões em inglês e suas interrupções em comentários no decorrer do texto, como exemplificado abaixo, em que o primeiro trecho pertence a Aguinaldo e o segundo a Fabíolo.

Essa história de “achar o gay onde ele parece não estar”, me lembra o banheiro do Cine Art Palácio, aí em São Paulo: é lá, darling? Ah, e esse movimento que você considera “deflagrado”, eu faço cocô diariamente para quem o deflagrou. Só mais uma coisinha: e fazer proselitismo do cinema udigrudí? Este vale, não é? O máximo que pode acontecer com quem o faz é ser chamado para dirigir “A Dama da Lotação”. Quá, quá, quá. (LAMPIÃO DA ESQUINA, nov.1978, p.14)

(...) e por falar em casa, aqui somos sete, contando com father e mother: dos cinco restantes, nos que me incluo, somos quatro bissexuais _ três homens e uma mulher _ e o que sobra é a ovelha negra: machão até dizer pare, e nós desconfiamos que o maio desejo dele é dar o que é seu; só que não tem coragem e fica dando uma de cavalo pra cima da gente e das mulheres que come e das namoradas que “ama”. (...) Beijos nas boquinhas de cada um (preferências linguísticas por Darcy, Peter e Aguinaldo – ai, que gatão este último). (LAMPIÃO DA ESQUINA, out. 1978, p.14)

Este estudo, no entanto, não se propõe a provar que as cartas de Fabíolo/Paulo eram, de fato, fictícias considerando que isso requereria um aparato de teoria linguística e um espaço que aqui não possuo – e eventualmente pode até ser mesmo impossível de provar. Porém, as informações já citadas parecem ser o bastante para podermos entender a série de cartas da personagem como uma espécie de folhetim epistolar, no qual não somente a história de Fabíolo é contada, mas também há, muitas vezes, o choque entre as visões ideológicas deste e as do jornal. Assim, a saga de Fabíolo Dorô na seção “Cartas na Mesa” pode dar informações relevantes sobre os ânimos e sobre as forças materiais que agiam e dividiam o discurso homossexual dos anos 70.

Para isso, o estudo utilizará dos estudos a respeito de sexualidade e repressão de Marcuse (2013), especialmente sua conceituação de *repressão* e *mais-repressão*. O autor se vale da tese repressiva de Freud, que diz que a livre gratificação dos instintos eróticos é incompatível com a sociedade civilizada em que vivemos, sendo a repressão desses instintos uma característica fundamental para a perpetuação da raça humana em civilização (MARCUSE, 2013, p.9). No entanto, o autor defende que, além dessa repressão necessária ao funcionamento da sociedade civilizada, existe uma repressão requerida pela dominação social e para o funcionamento da sociedade capitalista, que transforma o corpo em ferramenta de trabalho e reprime os impulsos eróticos em favor da dominação do trabalho e do sistema. A esse segundo movimento, Marcuse chama de *mais-repressão*, em ligação ao conceito de *mais-valia* de Marx.

Serão utilizadas, ainda, as noções de indústria cultural proposta por Adorno (1985). O motivo de sua utilização reside em um fato pouco levado em conta nos estudos sobre a homossexualidade no Brasil: que nos anos 70 começava a se consolidar um mercado gay nas principais capitais do país. Ou seja, o sistema havia percebido o quanto era possível capitalizar a partir do homossexual, tanto na sua figura exótica e lucrativa, o que poderia ser exemplificado pela presença de Ney Matogrosso bradando que não há pecado ao sul do equador ao lado de um vergonhoso Renato Aragão em um programa d’Os Trapalhões em 1975 – ambos em trajes com ares sadomasoquistas¹ –, quanto como público consumidor, o que pode

¹ Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Sf-WGYJHO8g>

ser visto pelas inúmeras boates gays que se espalhavam na rua Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro, e pelas publicações pornográficas voltadas ao público da época.

O fato abre uma questão que, caso não seja respondida neste estudo, a ambição me permite a promessa de um desenvolvimento futuro: não teria sido o homossexual reificado antes mesmo de sua formação como grupo político? Isto é, não teria a comunidade gay no Brasil ter se transformado antes em nicho do que num grupo em luta por seus direitos na sociedade? Ora, se os grupos políticos de libertação homossexual surgiram em meados dos anos 70, em 1952 a personagem Seu Peru já utilizava a imagem da bicha para fazer rir a família tradicional brasileira no programa humorístico *A Escolinha do Professor Raimundo* com a personificação de todos os estereótipos produzidos, nos termos de Borillo (2010) pela homofobia clínica, a resposta parece positiva.

A crença nas relações estreitas entre físico e moral incentiva a forjar uma imagem feminina da nova espécie: o apreço por joias, o balanço dos quadris, a maquiagem e os perfumes equiparam o “pederasta” à mulher. Aliás, com esta , ele compartilha os defeitos: tagarelagem, indiscrição, vaidade, inconstância e duplicidade. (p.65)

Se sim, a questão que se abre e que parece guiar o objeto estudado é: não teriam os movimentos, em reação a isso, criado também uma espécie de homossexual ideal que, se acreditava, garantiria os direitos mínimos à comunidade gay brasileira? Um tipo ideal e bem educado de “pederasta” que se afastasse e condenasse os estereótipos lançados pelo discurso médico e aproveitados pela indústria midiática? Caso a resposta se prove positiva, sobra enfim a inquietação que me acompanha desde o início dessa pesquisa: Qual a possibilidade de emancipação em qualquer tipo de encaixotamento e classificação, mesmo naquelas feitas com as melhores intenções possíveis? Além da decepção factual de, salvo com a figura de Jean Wyllys, não haver representação homossexual no Legislativo Federal e que, também por isso, as políticas em relação à comunidade gay avancem timidamente e recuem rapidamente tão logo as forças repressivas, sempre à espreita, consigam concretizar suas vontades.

1 – A DITADURA MILITAR E A IMPRENSA INDEPENDENTE

1.1 – A DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Tempos sombrios tiveram início no Brasil em Abril de 1964, com a deposição do então presidente democraticamente eleito João Goulart e a instauração da regime ditatorial que duraria duas décadas no país. Duas décadas, vale dizer, manchadas pela extrema repressão e violência física que caracterizariam a ação dos militares quando no poder em terras brasileiras. Comandada pelos militares e aclamada, então e ainda hoje, pelos setores mais retrógrados da sociedade, o regime tinha por professa finalidade e motivação a proteção e eliminação do país dos ideais socialistas que ganhavam força no governo anterior. Para isso, como pontua SCHWARZ (1978) os militares logo tratariam de desarticular os setores organizados da camada trabalhadora, como os sindicatos e associações, por exemplo. No entanto, segundo o mesmo autor, a liberdade de imprensa e a produção cultural não seriam primeiramente atacadas, o que garantiria certa hegemonia de esquerda no país (Ibidem, p.62), mesmo em uma espécie de bolha ideológica grande o bastante pra suportar um nicho de mercado que produz e se alimenta de si mesmo.

Porém, parece necessário ao entendimento do objeto do estudo em questão, bem como sobre a realidade da camada que a compete, aspecto que será posteriormente explorado, a compreensão do contexto cultural que antecedeu o funesto golpe de 64. Ainda segundo Schwarz, existia no pré-64 um socialismo patriótico e combativo, mas que ao mesmo tempo pregava conciliação de classes em confronto com o capital estrangeiro. O maior problema, de acordo com esses, eram o imperialismo americano e aspectos arcaicos da sociedade brasileira, especialmente o latifúndio. Para o combate, a estratégia do Partido Comunista teria sido a aliança com um dos setores da classe dominando, o qual consideravam “industrial, nacional e progressista (Ibidem, p. 65) em contrapartida ao que consideravam “agrário, retrógrado e pró-americano”². Por sua fácil conciliação com o

² A comparação pode ser falha e demasiada pretensiosa, visto os apenas meses que nos separam do golpe parlamentar-jurídico-midiático de 2016, mas a situação em muito me lembra a exploração dos movimentos de igualdade gênero pelos mercados midiáticos e cosméticos nos anos que antecederam à manobra política que retiraria uma mulher democraticamente eleita da presidência e

plano populista nacionalista do governo João Goulart, a suposta esquerda entranhava o governo com seu plano econômico político “explosivo porém burguês” (Idem, ibidem), cujo principal objetivo era o aumento do mercado interno por meio da reforma agrária.

Assim, no Brasil, a deformação populista do marxismo esteve entrelaçada ao poder (particularmente durante o governo Goulart, quando chegou a ser ideologia confessa de figuras importantes na administração), multiplicando os qui-pro-quós e implantando-se profundamente, a ponto de tornar-se a própria atmosfera ideológica do país. (Ibidem, p.66)

No entanto, os setores mais conservadores da sociedade reagiriam à tão famigerada ameaça ideológica e, não diferente dos tempos atuais, através do investimento econômico e do investimento publicitário, a direita conseguiria outra vez consolidar-se no Brasil. Em 1964, em resposta a uma séria de mudanças agrárias, administrativas, financeiras e tributárias proposta pelo governo João Goulart – cujo objetivo, segundo ele, seria atingir a justiça social – uma legião abastada e abastada sai às ruas nas chamadas “Marchas da família, com Deus pela Liberdade”, clamando a ajuda divina – e militar – contra a ameaça comunista que assolava o país. O desvario, bem exemplificado e tristemente próximo pelo cartaz com os dizeres “O Brasil não será uma nova Cuba” segurado por duas mulheres com terninhos de tweed e cabeleiras à moda de Jacqueline Kennedy, fez efeito. Deus e os militares ouviram os clamores das massas incoerentes e, no dia primeiro de Abril de 1964, instaurava-se a Ditadura Militar no país.

O retrógrado no Brasil, enfim, triunfava frente à proposta de modernização via reforma agrária proposta pela esquerda da época. Mais do que isso, triunfavam os aspectos arcaicos da sociedade, seja na perseguição – policial ou cívil com ares de policial – aos centros sindicais ou aos intelectuais que tivessem contato com o restante da população, seja na moralidade sexual e de costumes, aspecto que será explorado em um próximo capítulo. O núcleo da sociedade brasileira passava, assim, a ser a família, carregando todos os valores conservadores que se alinham a ela dentro da cultura latino-americana, tal qual a fé cristã e o provincialismo, mesmo

colocaria um homem cuja esposa seria enaltecida pelos meios mais tradicionais por sua beleza e recato, como fez a Revista Veja na edição de Abril de 2016 na reportagem “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”.

que estes fossem contrários ao *american way of life* que tanto o governo valorizou e cujo padrão de consumo acabou por estabelecer por aqui.

Em menos palavras: no conjunto de seus efeitos secundários, o golpe apresentou-se como uma gigantesca volta do que a modernização havia relegado; a revanche da província, dos pequenos proprietários, dos ratos de missa, das pudibundas, dos bacharéis, etc. (Ibidem, p.71)

Como dito anteriormente, porém, nos primeiros anos após o golpe, a liberdade de imprensa seria mantida e as ideias de esquerda viviam livremente dentro das produções culturais no país. Isso possibilitou o surgimento de uma produção bastante crítica e oposta ao golpe. Quando tais ideais começaram a surtir efeito e formar uma massa, principalmente estudantil, crítica e combativa, a reação da Ditadura foi recrudescer o autoritarismo. Assim, com a instauração do AI-5, iniciava-se os anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira, caracterizada por sua censura dura e a violência muitas com que os militares perseguiram e torturaram aqueles que pudessem de alguma forma ameaçar a sua soberania.

1.2 – O PROCESSO DE ABERTURA E A IMPRENSA ALTERNATIVA

O quadro iria mudar em 1974, quando os abalos sofridos pelo governo ditatorial levariam à implementação do que foi chamado de uma “abertura lenta e gradual” do quadro ditatorial. A alta no preço da gasolina a partir de 1973 faria com o que padrão de consumo com a qual a classe média estava acostumada caísse, e assim, a insatisfação com o regime (e todos sabemos o quão perigosa e ativa pode ser a classe média brasileira quando impedida de comprar). Além disso, o milagre econômico levaria ao maior êxodo rural já visto no Brasil. As capitais e os seus entornos, no entanto, não estariam preparados para tal movimento, levando a uma crise nos transportes e surtos de epidemia, o que levaria a uma nova construção de consciência política dentro das classes menos favorecidas. Ruíam, assim, os alicerces econômicos que mantinham o regime ditatorial brasileiro. Restava, enfim, frente ao descontentamento das massas e à burguesia que se adiantava na ruptura a fim de dar caminho ao neoliberalismo (KUCINSKI, 2001, p.54), uma abertura lenta e gradual dos aparatos autoritários do governo que propunha acabar com a censura prévia e também descriminalizar os ideais esquerdistas.

Nascia assim a proposta de distensão política do general Geisel e de seu braço direito, o general Golbery do Couto e Silva, um dos articuladores do golpe de 1964 e criador do Sistema Nacional de Informações (SNI). Uma saída gradual e controlada do regime autoritário demandaria a médio prazo a quebra do monopólio de oposição pelo MDB[?] e, portanto, o relaxamento dos controles da atividade política, a descriminalização das oposições de esquerda, o fim da censura prévia. (Ibidem, p.55)

A grande imprensa brasileira, no entanto, se mostrava inerte frente aos problemas que se desenrolavam no país. Se logo após o golpe de 1964, a liberdade de imprensa ainda mantida daria lugar a debates acalorados e críticos em relação ao governo (ARAUJO 2001, p.55), os anos de chumbo pareciam ter colocado a grande mídia numa submersão medrosa e confortável, condicionada pelos aparatos de censura e de repressão e incerta aos novos rumos apresentados. Mesmo com o fim da censura prévia em 1975, o quadro não apresentou mudanças, o que levaria a uma crise de valores dentro do próprio setor jornalístico. O estopim de tal crise foi a morte de Vladimir Herzog, assassinado sob tortura pelas mãos dos militares em 1975, na DOI-CODI em São Paulo. A manifestação dos jornalistas soma-se assim à dos Direitos Humanos na busca pelos desaparecidos políticos, instaurando uma crise que transforma o jornalista em mártir de uma discussão acerca das liberdades individuais e de imprensa dentro do regime. Além disso, o assassinato de Herzog mudaria os rumos da imprensa no Brasil, dando início ao significativo aumento das publicações alternativas.

A morte de Herzog provocou crises internas agudas em algumas redações, levando à ruptura nas relações de trabalho e ao surgimento de uma nova modalidade de jornais alternativos, de caráter regional, criados, em geral, por jornalistas de prestígio em capitais fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, com apoio de seus sindicatos e portadores de propostas elaboradas de gestão cooperativa. (KUCINSKY, op. cit., p. 57)

Foram muitas as publicações alternativas no período ditatorial, inclusive anteriores à abertura política iniciada em meados dos anos 1970. No período já citado, no entanto, existiu uma maior organização desse tipo de imprensa, sendo o período em que publicações como *O Pasquim* e *Opinião* encontraram maior força como opositores do regime. Segundo Kucinski, existiam basicamente duas vertentes da imprensa alternativa. A primeira, de cunho mais político, baseava-se no nacionalismo e populismo dos anos 1950 e tinha caráter mais pedagógico. Já a segunda tinha inspirações nas movimentações de contra-cultura americana e

escolhia como alvos de ataque os costumes e tradições retrógrados do povo brasileira. É aparentemente mais alinhada a essa segunda proposta que surgiria, em 1978, *Lampião da Esquina*, publicação voltada ao público homossexual que cravaria seu nome na história homossexual inteligente do jornalismo e da literatura do nosso país.

1.3 – LAMPIÃO DA ESQUINA E A IMPRENSA HOMOSSEXUAL

Em Abril de 1978, saía o primeiro número do jornal *Lampião da Esquina*. A publicação voltava-se principalmente ao público homossexual, porém prometia (e, de fato, cumpriu a promessa) de discutir também a respeito dos temas pertinentes às demais minorias, tais quais as mulheres, os negros, os índios, etc. O jornal contava com nomes já conhecidos dentro do ambiente gay da época, como Darcy Penteado, que já possuía obra considerável no âmbito artístico, Agnaldo Silva, jornalista com produção literária considerável e que havia colaborado com o *Opinião*, e João Silvério Trevisan, escritor, jornalista, dramaturgo e cineasta homossexual. Surgia assim, em *Lampião*, um grupo de jornalistas, artistas e intelectuais que encontravam ali espaço para discutir aquilo que era sufocado pelo regime ditatorial e renegado a segundo plano pela esquerda tradicional brasileira: a homossexualidade e as questões pertinentes a essa comunidade no país.

É preciso deixar claro, no entanto, que *Lampião* não foi a primeira publicação do gênero no país. Em 1961, surgiu a que poderia ser chamada de primeira publicação homossexual brasileira: *Snob*. Outras várias publicações surgiram no decorrer dos anos, como *Gilka Dantas*, *Le Femme*, *Subúrbio à noite*, *Gente Gay* e *Little Darling* (LIMA, 2007, p.2). Porém, há dois fatores que diferenciam *Lampião da Esquina* de seus antecessores e que explicam a sua importância na história da consciência homossexual brasileira. A primeira é pelo fato de sua distribuição não ser regional, ou seja, mesmo que criada no eixo Rio-São Paulo, o jornal era distribuído e encontrava diálogo em diversas partes do Brasil, como pode ser observado nas cartas enviadas à redação na seção “Cartas na Mesa”. O segundo fator é pela sua proposta: ao invés do colunismo social característicos da maioria das publicações homossexuais da época, como o *Snob* e o *Little Darling* (Idem,

ibidem), *Lampião* propunha uma discussão séria sobre o assunto. Seu objetivo era, como consta na seção “Opinião” do número Zero, retirar o homossexual do gueto, dos becos escuros e de todo discurso que delimite a experiência homossexual, bem como sua participação no mundo.

Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo as camadas sociais: que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem, que ele não é um eleito nem um maldito, e que sua preferência sexual deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter. LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. (LAMPIÃO DA ESQUINA, abr.1978, p.01)

O pragmatismo econômico, no fim, parece contar mais que a ideologia. Com o tempo, *Lampião da Esquina* acaba, de certa forma, adaptando-se ao gueto do qual tanto buscava afastar-se. A publicação passaria, com o decorrer dos anos, a usar das estratégias de consumo utilizadas por seus antecessores e pelo chamado “mercado gay”, que então crescia no Brasil com a sua série de boates, saunas e produtos estéticos, tal qual o erotismo masculino. “*Lampião da Esquina* começou elegante e terminou pornográfico” (KUCINSKY, 2001, p.71). O fato parece correto, apesar da palavra “elegante” ser deveras injusta e problemática para o que representava *Lampião* para a comunidade homossexual (afinal, quantas vezes foi *O Pasquim* criticado por seu recato ao invés de por seu conteúdo?).

Tal derrocada poderia ser explicada por dois fatores. O primeiro seria por questões materiais: o jornal não conseguia manter-se financeiramente apenas com as assinaturas de leitores, tendo que recorrer em peso aos anúncios publicitários, principalmente os que encontravam dentro do chamado Mercado Gay. O segundo, mais simplista e talvez injusto, seria, como apontado pelo documentário de 2016, que dentre as forças que guiavam o jornal, teria ganhado a ala carioca em detrimento da paulista, essa mais irreverente e despreocupada do que a contraparte paulista, mais politicamente consciente (LAMPIÃO da Esquina, 2016).

Os fatos que levaram a tal derrocada, no entanto, não são pertinentes ao estudo em questão. Restam apenas os fatos: em 1981, *Lampião* lançaria sua última

edição, fechando o capítulo talvez mais consciente da história midiática homossexual no Brasil.

CAPÍTULO 2 – AS FACES DA REPRESSÃO AOS HOMOSSEXUAIS

2.1 A HOMOSSEXUALIDADE E DITADURA MILITAR

A constatação não parece ser novidade pra ninguém: o Brasil é conhecido pela forma desumana e violenta com que trata aqueles cuja sexualidade fuja dos parâmetros considerados normais pelos setores mais conservadores da sociedade. O país ainda se mantém líder nos rankings de mortes LGBT³ no mundo e a matança de transexuais parece ser um problema distante de encontrar solução⁴. A situação ainda é bastante semelhante do que a retratada no documentário *Temporada de Caça*, de 1988 sob direção de Rita Moreira, que escancara a triste realidade das sexualidades desviantes no país. Nele, quando perguntadas sobre o que acham sobre a matança de homossexuais que ocorria então no país, pessoas comuns respondiam que homossexuais deveriam, sim, ser mortos e que, caso o governo permitisse seus assassinatos, a situação provavelmente melhoraria. Os tempos atuais são mais sutis, é verdade, mas não tanto, considerando que um deputado federal ainda se dá ao direito de ir em rede nacional afirmar que gays devem apanhar para aprender a virar homem e ainda assim ser tido como herói por parte da população brasileira.⁵

Infelizmente, caçar viados aparenta ainda ser um esporte bastante popular no Brasil.

Em tempos ditatoriais, a realidade não era diferente, apesar das suas também sutilezas pouco sutis. Os recentes esforços da Comissão da Verdade de São Paulo

³ Entre 2011 e 2015, o Grupo Gay da Bahia contabilizou 1.560 casos de assassinatos de pessoas LGBT no Brasil. Além disso, dados mais alarmantes podem ser encontrados no *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013*, produzido pela Secretária de Direitos Humanos.

⁴ A ONG alemã *Transgender Europe* contabilizou 546 assassinatos de pessoas trans no Brasil entre os anos 2011 e 2015, colocando o país no primeiro lugar de mortes de transsexuais no mundo. O segundo lugar, México, contabilizou 190 casos.

⁵ “O filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele. Olha, eu vejo muita gente por aí dizendo: ainda bem que eu levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem. A gente precisa agir” (BOLSONARO, Jair)

em muito ajudaram em uma maior iluminação da situação homossexual na época ditatorial. Apesar de os documentos e dados serem um tanto escassos, graças à tardia organização do movimento político no Brasil, o estudo mostra que a houve perseguições às sexualidades desviantes na ditadura militar brasileira, bem como seus líderes consideravam a homossexualidade uma ameaça para as noções de família tradicional, que, como já dito anteriormente, era bastante cara ao regime. A ameaça parece se explicar pelo apontamento de Marcuse via a tese da repressão de Freud: o controle dos corpos e dos prazeres é necessário à perpetuação do sistema capitalista e, digo eu, parece mais ferrenha quando a sociedade se encontra sob regimes autoritários.

“A felicidade não é um valor cultural”. Marcuse utiliza a máxima de Freud como ponto de partida para o entendimento dos aparatos de repressão dentro do regime capitalista. A premissa de Freud é dada como correta pelo autor, em determinado ponto: a livre gratificação dos instintos de prazer não é compatível com a sociedade civilizada tal qual a conhecemos. O controle dos instintos de prazer são parte fundante e sustentam a cultura e as noções de civilidade tal qual entendida dentro do pensamento ocidental (MARCUSE, 2013, p. 01). O autor, no entanto, defende que as instituições que dominam a sociedade introduzem, além da repressão necessária à sociedade, repressões adicionais que nada teriam na construção da sociedade enquanto civilização e muito na perpetuação do sistema dominante. A este conceito, o autor chama de *mais-repressão*.

Além disso, embora qualquer forma do princípio da realidade exija um considerável controle repressivo sobre os instintos as instituições históricas específicas do princípio de realidade e os interesses específicos de dominação introduzem controles *adicionais* acima e além dos indispensáveis à associação civilizada humana. Esses controles adicionais, gerados pelas instituições específicas de dominação, receberam de nós o nome de *mais-repressão*. (Ibidem, p.29)

Aqui talvez se encontre a condição das sexualidades desviantes dentro do país. Em uma sociedade capitalista, a necessidade de mão de obra faria do corpo um objeto de trabalho cujos membros deveriam garantir a perpetuação desse trabalho. A sexualidade passa então a centrar-se na genitália, estampando nela a função da gratificação do prazer sexual. O sexo passa dessa forma, em combinação com tradição cristã que nos persegue, à ordem procriativa e monogâmica. Em outras

palavras, enquanto o restante do corpo trabalha, as genitálias gozam, fora do expediente e dentro do privado das relações conjugais, de preferência que produza prole. É assim que a “organização social interdita como perversões praticamente todas as manifestações que não servem ou preparam a função procriadora”(Ibidem, p.37), o que explicaria o motivo de os militares verem tanta ameaça na homossexualidade para sobre a família tradicional, bem como o porquê da moral cristã ser de tamanha importância para o regime.

As perversões parecem rejeitar a escravização total do ego do prazer pelo ego da realidade. Proclamando a liberdade instintiva num mundo de repressão, caracterizam-se frequentemente por uma forte rejeição ao sentimento de culpa que acompanha a repressão sexual. (Ibidem, p.38)

Se assim for, a homossexualidade enquanto comunidade se apresenta como perigo, afinal, o entendimento de que existam indivíduos que não se adequam às estruturas de procriação e guiam seus instintos pelos próprios prazeres seria danosa e contrária à proposta capitalista, especialmente à modernização autoritária implementada pelos militares. Diferente de outros países, o Brasil não possuiu, pelo menos formalmente, pena de morte aos homossexuais, porém os documentos recentes comprovam que houve, sim, prisões e perseguições dessa camada, coincidentemente pelo motivo de vadiagem e atentado contra a boa moral e costumes, processo que até mesmo *Lampião da Esquina* sofreu após a publicação das fotos de homens em roupas de banho, em 1979, em um irônico contraponto à revista *Manchete*, que na época, publicava fotos de mulheres também em trajes de banho na praia de Copacabana.

A perseguição também tomava forma nos embustes feitos pelos policiais nos chamados “locais gays”, geralmente espaços escuros ou pouco movimentados da cidade no qual homens frequentam à busca de uma ocasião especial. Tal movimento está presente nas páginas de *Lampião*, como em uma carta escrita sob o nome de “Jennifer”, publicada na primeira edição do periódico. Nela, é descrito como os policiais fazem uma espécie de cilada para com os frequentadores do chamado “Buraco da Maísa”, local de “pegação gay” do Rio de Janeiro, em busca daqueles disposto a pagar pelos seus silêncios.

Eu queria me queixar contra os policiais que fazem rondas no local guei denominado “buraco da Maísa”, no Castelo, no Rio. É que eles não impedem as pessoas de entrar no “Buraco”, até facilitam; depois

é que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar preso. (LAMPIÃO DA ESQUINA, abr.1978, p.14).

Além disso, na mesma edição é publicada uma matéria a respeito de um embuste policial para com os frequentadores do Cinema Íris, cinema outrora luxuoso do Rio de Janeiro, mas que então era utilizado, principalmente nas suas sessões noturnas, para o encontro e prazer entre homossexuais, assumidos ou não. O texto explica de forma narrativa como a polícia chega em meio à sessão, esperando do lado de fora do estabelecimento a fim de procurar aqueles que possam ser levados por motivo de “vadiagem”, demonstrando mais uma vez como as noções de homossexualidade e falta de trabalho pareciam se entranhar na mentalidade do regime. Assim, o texto vai mostrando o tratamento com o qual os policiais tratavam as diferentes personagens que frequentavam o local: os bombeiros e policiais que porventura se encontravam no recinto recebiam tapas nos ombros e a promessa de silêncio absoluto, companheirismo militar e essas coisas; ao advogado, uma chuva de ofensas e, aos mais pobres, o camburão que os levariam ao interior das burocracias criminais.

Subitamente transformados em personagens dessa sessão de cinema, as pessoas semi-asfixiadas dentro do carrão já discutem entre si as próximas sequências do roteiro. Levadas ao distrito, serão submetidas à triagem. Nenhum, certamente, terá antecedentes – os verdadeiros criminosos nunca se arriscariam entrando na Íris. Mesmo assim, alguns serão liberados e outros incursos no Código de Contravenções Penais – por vadiagem. Estes, mandados para o Galpão da Quinta da Boa Vista, aguardarão durante um mês ou dois, que o juiz os absolva – eles absolvem sistematicamente as pessoas detidas pela polícia por vadiagem, e usam para isso argumento definitivo: numa cidade de tantos desempregados, como descobrir um vadio? (Ibidem)

A crueldade e o abuso de poder parecem explícitos. A condenação proposta pelo regime aos homossexuais não é necessariamente por vias da burocracia criminal, até mesmo porque havia também policiais no suposto crime (e só Deus sabe os segredos que podem se esconder dentro de uma organização apenas masculina), mas sim pela sua desmoralização. O ato narrado na reportagem de *Lampião* é menos sobre uma criminalização institucional da homossexualidade e mais sobre um espetáculo que mostre o quão prejudicial ela pode ser para o país. O crime não é possuir uma sexualidade ou uma forma de encontrar prazer diferente daquilo que é considerado normal, mas sim a vadiagem, que o espetáculo trata de mostrar a sexualidade desviante como causa direta (afinal, por que procurar vadios

justamente nos pontos gays da cidade?). No fim, *Lampião* parecia correto ao afirmar, na resposta à carta já citada de Jennifer, que “se o sistema não estivesse interessado em manter vielas escuras, simplesmente as iluminaria” (Ibidem)

2.2. A HOMOSSEXUALIDADE E O MERCADO GAY

A situação, no entanto, não é tão simples quanto a repressão estatal disfarçada de “combate à vadiagem”. Em meio ao aparato repressivo militar, a homossexualidade tomou cada vez mais espaço dentro da indústria midiática e de entretenimento. “O sistema descobriu que guei vende (...) dá lucro” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nov.1978, p.10) diz Leci Brandão em uma entrevista a *Lampião da Esquina*. A afirmação parecia encontrar eco na realidade, uma vez que tanto o mundo quanto o Brasil pareciam ter percebido o potencial lucrativo dos homens cuja sexualidade desviava da sagrada moral cristã.

A exploração do homossexual para fins de entretenimento não é, e nem era, algo novo na mídia brasileira. Em 1952, a personagem Seu Peru já fazia sucesso na então versão para rádio de *Escolinha do Professor Raimundo*. Em 1978, como conta em uma resposta dada pelo jornal a uma leitora, o ator Renato Pedrosa rendia elogios por seu papel de mordomo bicha na novela *Dancing Days*, da TV Globo. “(...) estão elogiando muito o ator que faz o mordomo de Yolanda em ‘Dancing Days’ só porque ele faz a bichona-clichê” (LAMPIÃO DA ESQUINA, jan.1979, p.14), responde o jornal à leitora Ana Aparecida, quando esta fala sobre o comercial da TV Philco com a personagem já citada. A leitora critica a forma com que o comercial vende “aquela imagem atrevida e inofensiva, bem ao gosto do sistema, prontinha pra ser acanalhada” (ibidem). Além disso, na edição 04, o leitor Carlos S.S. relata sobre a proliferação de publicações caça-níqueis de teor gay nas bancas e também sobre a representação dos homossexuais nas obras artísticas então produzidas. “(...) a figura do homossexual como ave rara, objeto de curiosidade. E o que é pior: sua sexualidade é a única justificativa de sua presença em tais peças e filmes”(LAMPIÃO DA ESQUINA, ago.1978, p.19), diz o leitor sobre a imagem deturpada e desonesta com que o homossexual era então retratado pela indústria cultural, nos termos de ADORNO(1985).

Em outras palavras, se a indústria cultural toma o negócio como ideologia e, assim, devem “legimitar os refugos que a propósito produzem” (Adorno, 1985, p.04), faz sentido que a grande mídia explorasse a ideia caricatural e grotesca da homossexualidade para o público ao qual se propunha. Em uma sociedade baseada no trabalho, na produção e reprodução, a imagem e o conceito da homossexualidade têm menos utilidade nas classes trabalhadoras e tradicionais, e por isso devem ser desmoralizados. Segundo o autor citado, a segmentação do mercado da cultura não “são tão fundadas na realidade, quanto, antes, servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los” (Ibidem, p.xx). Logo, tal qual o embuste policial cometidos nos locais de pegação, ao sistema seria mais caro a desmoralização da comunidade homossexual exatamente naquela estrato de consumidores culturais dos quais a força de trabalho seria necessária à sua perpetuação.

É claro que se poderia ressaltar que havia, sim, obras que mostravam uma imagem mais emancipatória das sexualidades desviantes, como, por exemplo, o espetáculo do grupo *Dzi Croquetes*, de 1972. O ponto, no entanto, que parece mais importante a esse estudo é compreender que nem todos – aliás, poucos – no Brasil podiam assistir ou consumir o espetáculo já citado. Não é possível pensar que público que consumia *Dzi Croquettes* era da mesma classe social e intelectual daqueles que consumiam as imagens estereotipadas do homossexual na grande mídia. Ou seja, para a massa a imagem que se vendia dos homossexuais era a de anormalidade, desvio e caricaturização, infelizmente não tão diferente do que o programa da Tv Globo *Zorra Total* exibia há não muito tempo atrás. “Enfim, é o que os homens querem: bicha na tevê, tem que ser assim: ridícula” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, jan.1979, p.14).

Enquanto isso, crescia também no Brasil o chamado mercado gay. O milagre econômico geraria uma maior concentração de riqueza e de poder de consumo para as classes mais altas, enquanto que a crescente urbanização e a inserção das mulheres no mercado de trabalho criaram as condições para o crescimento de uma comunidade homossexual brasileira (MARSIAJ, 2003, p.140). Logo, o mercado perceberia o alto potencial dos homossexuais das classes mais abastadas para a construção de um público que, como dizem os americanos, *tem duas rendas e nenhum filho*, assim sobra-se capital para o consumismo necessário à perpetuação

do sistema(idem, p.134). O que soa libertário talvez se explique apenas pelas engrenagens do sistema capitalista: se os espaços tradicionais não acolhem uma comunidade que possa e queira consumir, há de se criar um espaço para ela. Isso faria com que já no final dos anos 70 já existisse, por exemplo, uma rua inteira de boates e locais dedicados ao consumismo gay, a Rua Nossa Senhora de Copacana, um bloco anterior ao calçadão de Copacaba. O espaço e a falta de conhecimento específico não me permitem um estudo sério e geográfico do caso carioca, mas a mensagem parece clara: enquanto a família tradicional passeia pelas orla de Copacabana, os homossexuais consomem e festejam na rua onde nem o sol e nem o mar possam vê-los.⁶

Cabe ressaltar que o ponto não é a condenação dos meios de entretenimento homossexual, tampouco a representatividade da comunidade nos grandes meios de produção midiática. O problema está na falsa ilusão de libertação que carregam. “A indústria cultural continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhe promete” (ibidem, p.14). A possibilidade de amar livremente dentro das estruturas pagas e seguras das boates não faz com que homossexuais possam amar livremente nos espaços públicos sem sofrer agressões ou reprimendas pelo comportamento dito inadequado. Em outras palavras, não fomos inseridos na sociedade, mas tolerados, desde que dentro dos guetos proporcionados carinhosamente àqueles que possuíssem bens financeiros para usufruí-lo.

Além disso, o período também trouxe uma espécie de higienização das áreas gays através do poder do consumo. O aumento no preço dos ingressos e possibilitou às casa noturnas maior investimento, bem como a possibilidade de selecionar seus clientes a partir do poder aquisitivo que possuíam. A situação aparece em *Lampião* em sua edição de número um, no texto “Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo?”. Nele, os donos da boate Sotão comentam das melhorias feitas na casa, bem como de sua estratégia de controle de clientela. A situação parece mostrar mais uma face da repressão à camada homossexual dentro do sistema capitalista: as bichas com dinheiro precisam pagar para estar em lugares

⁶ A informação foi recolhida durante meu primeiro ano de bolsa IC voluntária, na qual me propunha a estudar a obra cancional de Ângela Ro Ro. As boates citadas em *Lampião da Esquina*, aliados a busca pelos seus endereços possibilitou a constatação de que as boates se espalhavam pela rua Nossa Senhora de Copacabana, mesmo caminho que segue “ebiritada” a personagem da canção de Ângela, “Balada da Arrasada”. Nesta, a narradora da canção como a personagem arrasada vive, sem ter onde cair, do caminho que vai do Hotel Acapulco ao bar do Samir, ao lado da Galeria Alaska.

das quais possam usufruir de certa liberdade, enquanto as bichas pobres vivem nos ambientes e espaços público abandonados, afinal, mero detalhe os militares fazerem vigília na frente do Cinema Atenas e não nas portas do Sotão.

O que? Vocês concorrem com o Regine's? “Claro! Só olhar nossa frequência pra ver que concorremos.” Olímpicos, os pares, quase todos do sexo masculino, realmente parecem bem instalados na vida, diferente das figuras que circulam do lado de fora da boate – héteros e homos -, na Galeria Alaska dos tóxicos, crimes esporádicos e má fama permanente. Aqui, às sextas e sábados, há pagamento de ingresso e consumação, “única maneira de selecionar a frequência”. O esquema de segurança das portas é rígido. “Teve um jeitinho qualquer de marginal, mesmo com dinheiro, não entra mesmo. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, jun. 1978, p. 05)

O trecho talvez mostre a situação da camada homossexual dentro da sociedade de massas já crescente no Brasil. O pior: dentro de suas ressalvas, não se diferencia muito da atualidade, em que festas como The Week faturam considerável quantia de dinheiro daqueles que estão dispostos a pagar (e não é barato ser um gay de bem no Brasil), enquanto as classes mais baixas morrem nas ruas do país que mais mata LGBT no mundo.

2.3 – A HOMOSSEXUALIDADE E SEUS GRUPOS

No capítulo “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”, da obra *Para Inglês ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*, Peter Fry traça um panorama da visão da homossexualidade no Brasil, bem como o papel das convenções de gêneros nos dois sistemas explorados pelo autor: o das bichas e dos entendidos. Segundo o autor, no princípio, os machos da espécie eram divididos entre “homens” e “bichas”. Nessa divisão, o homem teria os caracteres considerados masculinos pela sociedade, enquanto a bicha carregaria os papéis considerados femininos. Não era uma questão de orientação sexual, mas de penetração: a bicha seria penetrada enquanto o homem penetraria, sem perder seu status de “homem de verdade”. Segundo o autor, o modelo teria “maior hegemonia em certas áreas, notadamente no Norte e Nordeste, entre as populações pobres das grandes cidades e do interior do país em geral” (FRY, 1982, p.92).

Em reação a esse modelo, surgiria nas classes médias e universitárias um modelo ao qual o autor chama de “modelo igualitário”. Nesse modelo, a distinção entre homens e bichas seria combatida a fim de criar mais uma gaveta na catalogação dos machos da espécie: os “homens” e os “entendidos”. A distinção aqui é puramente baseada na orientação sexual e não mais sobre quem é penetrado ou quem penetra no ato sexual. Homens que se relacionam com outros homens, tanto no papel chamado ativo (quem penetra) como no chamado passivo (quem é penetrado), são considerados “entendidos” enquanto os heterossexuais podem continuar na sua pecha cobiçada de “homens de verdade”.

É nesse segundo sistema que parece estar incluído os autores e a luta de *Lampião da Esquina*. Na edição de número 04, por exemplo, a carta do leitor José Alcides Ferreira, publicada sob o título de “Paulas na Bichórdia” exemplifica bem a posição do jornal, pelo menos é o que parece pela resposta positiva dada ao leitor.

Lampião correspondeu em cheio (...) às necessidades intelectuais deste grupo que a bichória chama de mariconas, ou seja, nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característicos à nocividade que é representada pela bicha de classe média, incapaz de se impor como gente, como pessoa!” (LAMPIÃO DA ESQUINA, ago.1978, p.14)

Mais à frente, o jornal publica o que chama de síntese do pensamento de Zé Alcides a respeito de Rogéria, a atriz transformista brasileira.

Um homem fantasiado de mulher, ostentando um comportamento alienado e sexista, não representa nenhum perigo para os códigos de honra do macho. Uma criatura dessas (...) é somente produto da decadência da cultura ocidental, que sobrevive à base de coisas efêmeras e onde primam, sobretudo, a falta de sensibilidade e ignorância sexual (Idem, ibidem)

O trecho parece demonstrar o quão “generoso” Peter Fry foi ao chamar esse modelo de “igualitário”. Talvez mesmo recheado de boas intenções, o segundo modelo de comportamento, até mesmo pelo poder econômico daqueles o defendiam, possuía maior prestígio dentro da sociedade e também criava novas formas de repressão sobre a classe homossexual, bem como talvez instalava a prática hoje ainda corrente nos movimentos LGBT de combater inimigos internos antes do combate às estruturas sociais que parecem manter e exclusão da camada. Mais do que isso, o trecho mostra que as diferenças entre os ditos entendidos e as

bichas restantes ia além do machismo contra as performatizações femininas de gênero, mas era também econômica. Quer dizer, o termo “entendido”, cunhado pelos homossexuais das altas classes em um país de miseráveis e analfabetos, parecia carregar um teor de elitismo e enquadramento de padrões mais altos do que aquilo a que se propunha, e a distinção entre os dois grupos é também através do que podiam consumir aqueles que não tinham espaço dentro do mercado gay emergente.

No fim, mais triste do que ver um homossexual chamando ao outro de anormal (e não são poucos os casos no decorrer do jornal), é perceber que parte dos aparatos de repressão que agem sobre a camada homossexual vinham e vem de dentro da própria comunidade homossexual. Afinal, a busca de uma imagem higienizada do homossexual não deixa de ser para os poucos que podiam ter instrução e bens para alcançar a imagem de refinamento e intelectualidade proposta pelo modelo. A maneira com que funciona, pelo menos no discurso de muitos dos leitores de *Lampião*, parece contribuir mais para a segregação de seus membros do que para a união e emancipação da comunidade.

Mais negativo ainda é ver que tais valores não deixaram de existir com o decorrer dos anos, como mostra o estudo de KELLER, ARAÚJO e CORSO(2015) a respeito do aplicativo de pegação homossexual masculina Scruff. Nele, o autor percebe que as características mais buscadas pelos homossexuais para aqueles com quem pretendem manter relações românticas e/ou sexuais ainda são a performatividade masculina e o alto poder aquisitivo.

CAPÍTULO 3 – A CORRESPONDÊNCIA DE FABÍOLO DORÔ

3.1 – TENTATIVA DE INSERÇÃO E REPRESSÃO FAMILIAR

O presente capítulo analisa a série de cartas do leitor Paulo Emmanuel – e mais uma, do seu irmão – ao jornal *Lampião da Esquina*, que estampou a seção “Cartas na Mesa” na maioria das edições entre Outubro de 1978 e Novembro de 1979, inicialmente sob o pseudônimo de Fabíolo Dorô. É sabido a partir do documentário *Lampião da Esquina* (2016) que parte das cartas pertencentes à seção citada eram fictícias, escritas a fim de ocupar os espaços em branco da seção que o jornal prometia dar grande prioridade (LAMPIÃO DA ESQUINA, mai.1978). Dessa forma, mesmo que não seja possível ou necessário o veredito acerca da veracidade ou não das cartas, as características das correspondências possibilitam a hipótese de sua ficcionalidade. Se assim o for, podemos entendê-las como elemento de construção do jornal e de seu projeto, mais do que o diálogo entre a redação e o seu público.

A primeira carta de Fabíolo surge em Outubro de 1978, sob o título de “O rapaz ocupado”. Nela, Fabíolo se apresenta ao jornal, bem como comenta das recentes entrevistas de Clodovil Hernandez, Norma Bengel e Leny Dale. É no próprio título dado à carta que é possível perceber qual o local político e social que Fabíolo ocupa. É no seu grau de esforço que se coloca quando se apresenta como narrador ocupado cuja única ocupação citada foi o jogo de futebol para “conservar o peso” (LAMPIÃO DA ESQUINA, out.1978). Ironicamente, o narrador ameaça fazer um escândalo caso o jornal publique sua carta sob o título de “A Bicha Ocupada”, e não demonstra, na edição posterior, qualquer ressentimento ao título “o rapaz ocupado”, mostrando que parte do problema de Fabíolo não era acentuar seu grau de ocupação, mas sim ser chamado de “bicha”. Ou seja, baseado nisso e no poder econômico e de instrução de Fabíolo, na guerra de braço entre bichas e entendidos, Fabíolo parece lutar mais pelo segundo do que pelo primeiro grupo.

Além disso, é também na mesma carta que conhecemos a primeira versão da família de Dorô, que seria desmentida na edição posterior.

(E por falar em “casa” aqui somos sete, contando com father e mother: dos cinco restantes, nos que me incluo, somos quatro bissexuais _ três homens e uma mulher _ e o que sobra é a ovelha negra: machão até dzer pare, e nós desconfiamos e o maior desejo dele é dar o que é seu; só não tem coragem e fica dando uma de cavalo pra cima a gente e das mulheres que come e as namoradas que “ama”. A natureza aqui em casa bateu recorde!) (ibidem, p.15)

É aqui também que começam a aparecer as primeiras semelhanças entre a história de Fabíolo e a história de *Lampião*. Tal qual o jornal, Fabíolo pretende fundar um clube no qual os participantes possam discutir questões políticas e sociais referentes à sexualidade. Também tal qual o jornal, o grupo não pretende fixar-se em algum gueto específico e promete ter em seu interior pessoas de diferentes grupos, “inclusive héteros radicais que estão na luta contra o machismo” (ibidem). O dito grupo seria inclusive o assunto principal da segunda carta de Fabíolo, bem como sobre as suas consequências dentro do núcleo familiar aparentemente tradicional do qual Fabíolo faz parte, mesmo que o termo “tradicional” talvez não se aplique a uma família aparentemente de posses cuja liberdade sexual permitiria a quatro indivíduos de sua prole assumirem sua bissexualidade.

Segundo a segunda carta, o grupo havia marcado uma reunião no dia 2 de setembro anterior na casa de Fabíolo, o que ele considerava uma ideia louca, “porque a maioria só se assume em guetos, para fazer uma festinha” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nov.1978). Aqui aparece outra semelhança com o jornal: luta contra o gueto do entretenimento gay então em ascensão, tal qual o jornal propõe em sua edição de estreia. O problema em parte não se resume aparentemente ao entretenimento ou às “festinhas”, mas sim à sua capacidade de isolamento. O próprio encontro criado pelo grupo de Fabíolo se intitulava uma festa, nomeada de “A Noite do Signo Virgem”, mas transferia-se do gueto para o núcleo familiar. Em outras palavras e fazendo uma alusão com a já citada geografia mercadológica de Copacabana (alusão talvez problemática, uma vez que Fabíolo é de Salvador na Bahia): se a beira-mar era destinada à família tradicional e a Rua Nossa Senhora de Copacabana aos depravados, Fabíolo queria banhar-se no mar.

A transgressão naturalmente encontraria reação em três personagens da família Dorô: o irmão “Gorila”, Tia Yayá e father. O primeiro parece incorporar o discurso oficial, aquele que não condena por meios oficiais, mas que se configura na forma de embuste à camada em seu discurso pela moral e bons costumes, o que

será tratado mais adiante quando for falado sobre a carta de autoria do próprio irmão “Gorila”. Já Tia Yayá parece que incorporar o discurso religioso baseado no castigo e redenção daqueles desviados dos caminhos considerados saudáveis sexualmente.

(...)e tia Yayá (imagine) veio ajudar mother no sermão reacionário/ caquético/ esclerosado/ ridículo de que homossexualismo é doença, anomalia social, tara, vício, pecado mortal mas que “deve ser ajudado... Vocês têm que ajudá-los dando exemplo. (ibidem)

Por fim, o discurso do pai de Fabíolo parece aliar-se ao discurso homofóbico de teor liberal, nos termos de BORILLO (2010). Tal qual o discurso ainda corrente de que a homossexualidade se configuraria em posição pessoal que, como tal, deve ser mantida dentro dos âmbitos privados da vida do indivíduo a homofobia liberal “preconiza a tolerância para com os homossexuais, mas considera que a heterossexualidade é a única a merecer o reconhecimento da sociedade e, por conseguinte, o único comportamento sexual suscetível a ser institucionalizado” (ibidem, p. 76). Da mesma forma, o pai de Fabíolo afirma que “ ‘Não temos nada com isso. A vida é de vocês. Mas façam o que quiserem e fiquem calados. Lembrem-se: Oscar Wilde só se estrepou porque desafiou Vitória’ “(LAMPPIÃO DA ESQUINA, nov.1978).

Os discursos parecem mostrar a realidade da homossexualidade em meio às camadas mais abastadas da sociedade. Não é uma questão de entender o homossexual que se encontra dentro dos meios de produção de consumo ou de conhecimento como liberto da violência que assolava a camada homossexual na época. Fabíolo não seria preso com as camadas mais baixas que frequentavam o Cinema Íris ou o Buraco da Maysa, mas sua existência deveria ou ser salva pelo cordeiro de Deus, ou negada aos espaços de consumo destinados à camada e silenciada nos espaços tradicionais e institucionalizados da família e da sociedade. Em outras palavras, a homossexualidade que se encontra dentro das engrenagens do consumo e do trabalho pode ser tolerada a não ser que siga o exemplo de Oscar Wilde e desafie o poder corrente.

Além disso, o drama da família Dorô parece funcionar como representação das diversas posturas possíveis frente ao esforço da comunidade, bem como possibilidade de educar a reação diante de tais discursos. O cunho realista de

discriminação e categorização dos atores sociais envolvidos aparece aqui como inspiração. Talvez não coincidentemente, a estratégia da exposição dos atores sociais envolvidos apareceria nas tramas globais de Aguinaldo Silva. Por fim, a trama também possibilitaria ao jornal pautar o debate político homossexual de modo diferente daquele normalmente utilizado nos artigos e reportagens do jornal.

CAPÍTULO 3.2 – O IRMÃO GORILA E A DESMORALIZAÇÃO

Na edição de número sete do jornal, de Março de 1978, surgiria a carta que, de certa forma, abalaria as estruturas da relação que se desenvolvia entre Fabíolo e o jornal. Sob o título de “Outro baiano da Família Dorô”, a carta seria do irmão Gorila de Fabíolo, cujo nome é Luís Machado (cruzes!). Aqui, o mesmo indivíduo que havia criado entraves à festa do grupo criado por Fabíolo se apresenta como uma pessoa inteligente, bem informada, e sem preconceitos, uma vez “ não tenho nada contra as bichas e, pelo contrário, tenho até alguns amigos que jogam no time de vocês” (LAMPIÃO DA ESQUINA, dez.1978). A atitude já citada do poder ditatorial imposto ao Brasil da época, que buscava antes da condenação burocrática da homossexualidade, a sua desmoralização parece encontrar discurso na carta que pinta Fabíolo como indivíduo mentiroso e caluniador.

Estou escrevendo para me defender das acusações de Paulinho (verdadeiro nome dele) me fez, O que acontece é que eu não tenho nada contra bichas, tenho até alguns amigos que jogam no time de vocês. Eu não jogo, mas também não jogo no time das mulheres dos travestis, dos machões, etc., etc.. Resumindo, estou comigo e não abro (ou abro a depender daquilo que venha). Portanto, está claro que Paulinho estava me caluniando. Não reparem, são querelas familiares de somenos importância. (Ibidem)

Dessa forma, segue a defesa do irmão de Fabíolo que pouco se dedica a contar os fatos ou as motivações para os atos descritos nas cartas anteriores, mas sim na sutil desmoralização do irmão. Tal desmoralização se encontrava tanto na revelação do nome de verdade de Fabíolo e nas acusações de calúnia quanto na defesa de autoria do apelido “luminoso” para o jornal, usado por Fabíolo na primeira carta, bem como na ironia com as suas enormes listas de sugestões dadas ao jornal. “Fiquem tranquilos, não vou dar nenhuma listinha, vocês já têm a de vocês aí.”, diz Machado ao jornal, o que parece ser uma contraparte com ares de sensatez

da lista enviada pelo irmão duas edições antes. Além disso, a tranquilização que Machado propõe ao não enviar nenhuma lista também pode se referir ao tom de denúncia e alcaguete encontrados nas sugestões de Fabíolo, que delimita aqueles que são “do babado” e os que não o são, mesmo que os artistas ou personalidades em questão não fossem assumidos publicamente.

Entrevistem Caetano, Bethania, Ney Matogroso, P. Bisso, Darcy Penteadado (amei aquela entrevista? que ele deu na Status), Denner, belos e belas da Vênus Platinadas que estejam dispostos a descer a máscara, Renatinha Sorrah (que é um chuchu), Rogéria, Valéria (coitada, que se rachou!), e outros também que mesmo não sendo do ramo, aceita-o e têm algo de bom pra mostrar à gente: Tônia Carrero que é linda; Chico Buarque _ aí, T grande, Marília Pera; a sua irmã bicha que canta nas Frenéticas etc...(LAMPIÃO DA ESQUINA, out.1978)

Dessa forma se desenvolve o discurso desmoralizante de Fabíolo e, querendo ou não, daquilo que defende. Parece importante ressaltar que, mesmo que Dorô possuía buracos em suas argumentações, ações, não é a elas que o Machado recorre, mas sim à desmoralização via o discurso homofóbico médio, médico e machista que fazia e faz parte da cultura brasileira. Borrilo fala que a homofobia clínica, na ânsia de criar uma imagem patológica, tanto psíquica quanto física, da homossexualidade, aliará a imagem do homossexual à imagem definida como feminina. Aqui, o homossexual compartilhará com aquilo que é dito como feminino também os defeitos: “tagarelagem, indiscrição, vaidade, inconstância e duplicidade” (BORRILLO, 2010, p. 66), e são por esses defeitos que Fabíolo é julgado pelo irmão. Se o discurso médico, enfim, serve à propagação dos ideais cristãos, faz sentido que tanto os gorilas da ditadura quanto os gorilas de Fabíolo se usem dele pra julgar aqueles que desafiam Vitória.

Coincidente e ironicamente, a carta aparecia na mesma edição em que o jornal publicaria as fotos eróticas masculinas que o levariam a enfrentar o processo por “Atentado à Moral e aos Bons Costumes” por parte do regime ditatorial, mas essas talvez sejam “querelas familiares de somenos importância.” (LAMPIÃO DA ESQUINA, nov.1978).

CAPÍTULO 3.2 – A IDA PRA SÃO PAULO E A ÚLTIMA CARTA

É a partir da carta do irmão Gorila que a relação entre Fabíolo e o jornal se estremece. Na edição de número oito, o discurso de Fabíolo perde o tom cordial e, ao invés dos tradicionais elogios e sugestões, a carta é preenchida por críticas e revoltas do seu autor quanto aos conteúdos publicados na edição anterior. Nenhuma menção à carta do seu irmão é feita, e até mesmo o pseudônimo Fabíolo Dorô dá lugar ao nome Paulo Emanuel. A acusação de tal fato parte do jornal, que avisa seus leitores logo no início de sua resposta, em que diz “Querido Fabíolo Dorô (é ele, sim, pessoal)” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, jan.1979), mostrando que a personagem possuía certa relevância dentro do espaço de produção e recepção do jornal. Há algo de acusatório no tom do jornal, como se Paulo Emanuel tentasse se afastar da desmoralização causada pela carta do irmão através do abandono do pseudônimo cujos defeitos e incoerências haviam sido expostos na edição anterior. A pecha, no entanto, seria constantemente lembrada pelo jornal quando em suas respostas as cartas escritas sob o nome de Paulo Emanuel. Em outras palavras, tal qual o contexto social que desmoraliza homossexuais por sua sexualidade – e que, como conta no jornal, é usado como fator acusatório em julgamentos criminais –, o pseudônimo carregado de feminilidade não abandonaria Paulo, nem mesmo quando o abandona em favor do seu nome considerado mais masculino.

Paulinho (ex-fabíolo dorô), a gente fica eternamente grato pelo roteiro (...) (LAMPPIÃO DA ESQUINA, jul.1979, p.19)

Quer dizer que você saiu da Bahia só pra não ser personagem do Glauber Rocha, ex-Fabíolo Dorô. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, nov.1979, p.18)

Como já citado, as cartas de Fabíolo viriam recheadas de críticas e revoltas. As principais e que possuíram maior relevância foi sobre o texto publicado sobre a vinda de Shere Hite, militante feminista dos Estados Unidos, ao Brasil, bem como com a reportagem “Quem resistirá a esse verão?” na qual o jornal publica fotos de homens em trajes de banho, tal qual fazia a revista *Manchete* à época com mulheres. É no segundo caso que parece haver maior importância dentro do debate, uma vez que, como bem lembrado por Paulo Emanuel/Fabíolo Dorô, a reportagem ia contra aquilo ao qual o jornal se propunha em sua edição de estreia, quando disse que não faria de nenhum ser humano de objeto sexual diante da pergunta de um

leitor que queria saber se, tal qual as revistas americanas, *Lampião* publicaria fotos de nus. Em outras palavras, é como se Paulo/Fabíolo funcionasse como um resgate não cordial dos ideais que motivaram a criação do jornal perante o mercado gay da época, ao qual a publicação necessitava integrar-se a fim de manter-se em funcionamento.

Outra revolta – b) oi a reportagem (!) “Quem resistirá a este verão?”, não quero parecer radical, maniqueísta, mas apesar de concordar com o fato de que as fotos são belíssimas (...), ainda acho que LAMPIÃO direta ou indiretamente fez o que se propôs ao contrário; utilizou homens como objetos sexuais (“nossos modelos não sabiam que estavam sendo fotografados”, ai, ai), com uma desculpa tão tola quanto as milhares inventadas por revistas ridículas para mostrarem o bumbum das gatinhas cariocas passeando de bicicleta em Ipanema (LAMPIÃO DA ESQUINA, jan.1979, p.14)

Ainda sobre o mercado gay, não parece mera coincidência o jornal muitas vezes escolher as respostas às cartas de Paulo/Fabíolo para expressar a falta de recursos financeiros com a qual sofria a publicação. Como o número de assinantes não era o bastante para arrecadar o capital necessário à sobrevivência de *Lampião*, o jornal precisava, de certa forma, aderir aos caminhos do entretenimento e do consumo gay a fim de manter-se em circulação, como, por exemplo, quanto Fabíolo acusa que a seção “Cartas na Mesa mais parece Anúncios na Mesa” (ibidem)

Você acha que nós estamos com muito anúncio, Fabíolo? Pois olha, para sobreviver, LAMPIÃO precisa de muito mais, por vocês, leitores, têm a péssima mania e ler o jornal e passar adiante, e com isso nós deixamos de vender. (ibidem).

A situação parece ilustrar os motivos que levariam o jornal, alguns anos mais tarde, a ingressar dentro dos aparatos marcados pelo mercado gay em ascensão. No sistema capitalista, não é possível a um veículo alternativo de pouco poder social sobreviver à base de boas intenções. O dinheiro, por fim, fala mais alto, principalmente em uma sociedade cujas desigualdades sociais aprisionam seus indivíduos ou na pobreza intelectual, ou na alienação que o consumo desenfreado e nada crítico reserva àqueles que possuem o mínimo de condições. No documentário de 2016, é acusado que o jornal decaiu na sua qualidade de conteúdo a partir do momento que Aguinaldo Silva passa a ganhar dinheiro com as produções feitas para a Rede Globo. No entanto, longe de querer defender o escritor pernambucano, talvez o problema de *Lampião* seja de que o sistema jamais possibilitaria um veículo

de teor homoerótico que questionasse a indústria que abastecia e se valia dos indivíduos cujas sexualidades desviassem da doente e conservadora norma cristã.

Coincidentemente, a última carta de Paulo/Fabíolo conta da sua mudança de Salvador para São Paulo, a “cidade-aranha (...) toda inconquistável”, falando, dentre outras coisas, do preconceito que sofrem os nordestinos na grande metrópole brasileira. Assim, se Fabíolo representa o discurso primário e idealista de *Lampião*, faz sentido que a personagem encontre seu fim na grande metrópole, na sua despedida recheada de beijos e lágrimas. Mais do que isso, Fabíolo representa o imigrante nordestino rumo à cidade grande, tal qual fora Aguinaldo após o golpe de 1964, cuja voz é calada pelas estruturas do poder dominante e autoritário (e a semelhança com um Fabiano de *Vidas Secas*, mais economicamente confortável, é verdade, e seu encontro com o soldado amarelo parecem ir além do nome das duas personagens).

CONCLUSÃO

Os homossexuais fazem parte da história do Brasil, mesmo que a sua presença tenha sido por tantos anos ignorada nos meios tradicionais de construção de conhecimento, bem como no circuito da educação básica. O presente estudo, dessa forma, prestou-se a investigar quais as forças materiais que agiam sobre a camada LGBT no Brasil ditatorial do final dos anos 70, não como forma de delimitar uma identidade homossexual, mas sim de perceber que forças serviriam de entrave ao discurso político homossexual dentro da sociedade brasileira, bem como tentar explicar sua ineficácia na construção de uma sociedade segura àqueles cuja sexualidade não se guia pelos meios de produção e reprodução impostos pelo discurso conservador, bem como garantir uma maior participação e representação nos contornos do sistema político que guia o país.

Tais forças parecem encontrar espaço ainda hoje, quando a onda conservadora que assola o país e o mundo parecem lutar contra os poucos avanços conquistados pela camada LGBT no país que mais mata a comunidade gay no mundo. Foi constatado, assim, que a sutileza dos discursos mercadológicos e governamentais parecem mais eficazes na supressão das vozes LGBT do que a condenação burocrática e explícita. No oásis da repressão, a camada homossexual encontrava, e creio que ainda encontre, sua opressão tanto por meio dos caminhos sutis do Estado na condenação vexatória como na alienação a partir do consumo proporcionada pelo mercado que, com ares de libertação, enclausurava os homossexuais dentro dos guetos capazes de manter esses indivíduos longe dos cidadãos ditos de bem. Além disso, a reação ao discurso hegemônico sobre a homossexualidade parece ter criado um discurso também repressivo, uma vez que se baseava em um elitismo possível para poucos em um Brasil cuja desigualdade social acentuava as diferenças econômicas e intelectuais daqueles que muito tinham e dos que pouco ou nada possuíam.

Dessa forma, a série de cartas endereçadas ao jornal *Lampião da Esquina* de autoria de Paulo Emanuel/Fabíolo Dorô parece conter a representação de tais forças, bem como a morte ou a incapacidade de sobrevivência de tal idealismo político dentro das estruturas desiguais de consumo que tomavam conta do país. Não creio ser possível provar – e nem é esse o objetivo – o quão ficional ou real as

cartas são, mesmo que parte da estrutura que mantém a narrativa de Fabíolo possa ser encontrada mais tarde nas novelas escritas por Aguinaldo Silva, um dos colaboradores do jornal, mas sim constatar que, independente dos fatos narrados serem reais ou não, as cartas de Fabíolo servem para maior entendimento daquilo ao qual esse trabalho se dedica. Em outras palavras, talvez seja impossível delimitar nesse caso se a arte imita vida ou se a vida imita a arte, mas é possível perceber o quanto Fabíolo/Paulo seria uma voz de resgate aos ideais iniciais do jornal, que mais tarde seria engolido pelas engrenagens do consumo que combatia, e que suas cartas serviam ao jornal também, como exposição das dificuldades financeiras que o fizeram desviar pelos caminhos do mercado.

A conclusão, enfim, não parece muito positiva: na briga de cordas entre o consumo e a inserção política e igualitária, a alienação parece levar a melhor. A ilusão da libertação pelo consumo proporcionada pela crescente urbanização e endereçada à camada homossexual de classe média parece ter força na nossa estrutura social, a mesma que garante ainda hoje a presença de casais homoafetivos em campanhas publicitárias, mas não dentro das estruturas de poder que guiam o país. Tolerância não é a mesma coisa que acolhimento, e os homossexuais dentro do sistema capitalista e neoliberal que nos perseguem podem até mesmo ser aceitos quando com poder econômico para fazer a máquina do capital girar, mas desde que se acomodem dentro dos espaços minoritários aos quais são empurrados. No fim, “Oscar Wilde só se estrepou porque desafiou Vitória”, e *Lampião* provavelmente não encontraria possibilidade de sobrevivência se afrontasse com radicalidade o poder corrente, muito menos sem o apoio dos setores de esquerda da época.

Por fim, é esperado que, se este trabalho possa contribuir de alguma maneira para o ambiente acadêmico na constatação de que a comunidade homossexual é mais do que o bloco homogêneo com o qual muitas vezes é caracterizada. Além disso, que a sua produção estética possui mais nuances e influências do que aparenta, e que a mera representatividade da camada nos grandes e principais meios de comunicação não significa necessariamente sua emancipação, mas talvez, pelo contrário, o seu aprisionamento. Por fim, no Brasil que mais mata LGBT no mundo – e essa parece uma afirmação que precisa ser exaustivamente repetida –, as luzes neon já não são tão seguras e a representação higienizada de homossexuais

nas novelas globais ou nos comerciais de perfumes não são capazes de proteger a todos.

Acreditar no contrário talvez tenha sido um dos nossos maiores erros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W..“A Indústria Cultura: o Esclarecimento como Mistificação de Massas”. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, **Max. Dialética do Esclarecimento**.Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.99-138

ARAÚJO, Homero Vizeu. **Futuro pifado na literatura brasileira**: promessas desenvolvimentistas e modernização autoritária. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2014. 283 p.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: História Crítica de um Preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 140 p.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Caderno Ael**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p.81-123, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011. 175 p. Tradução de Maria Thereza Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

_____. **História da Sexualidade**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012. 233 p. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. **Para inglês ver**: Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p. 87-111.

JAMESON, Frederrick. Pós-Modernismo e Sociedade de Consumo. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 12, p.16-26, jun. 1985.

KELLER, Daniel Gevehr; ARAÚJO, Denise Castilhos; CORSO, Aline. Ciberterritórios e masculinidades: O papel do discreto no aplicativo Scruff. **Conexão: Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 27, p.153-179, 2015. Semestral. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/3347/2153>>. Acesso em: 12 maio 2017.

KUCINSKY, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: Nos tempos da imprensa alternativa. 2. ed. São Paulo: Eccentric Duo, 2001. 268 p. Disponível em: <http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abr. 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, maio 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ago. 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, out. 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nov. 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, dez. 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, jan. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, jul. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nov. 1979.

LAMPIÃO da Esquina. Direção de Lívia Perez. Produção de Giovanni Francischelli. Realização de Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, Proac. São Paulo: Doctela, 2016. Son., color.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização:** Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARSIAJ, Juan P. Pereira. Gays ricos e bichas podres: Desenvolvimento, desigualdade econômica e homossexualidade no Brasil.. **Caderno Ael**, Campinas, v. 10, n. 18, p.130-147, 2003. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2511/1921>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

TEMPORADA de Caça. Direção de Rita Moreira. Produção de Rita Moreira. S.i., 1988. (22 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rjan_Yd0C5g>. Acesso em: 21 maio 2017.

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia Marcontes de. O lampião da esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. **Revista Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 15, n. 36, p.49-63, jan. 2014. Trimestral.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964 – 1969. In: **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978. p. 61-92.